



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

MÚSICAS TRADICIONAIS DO POVO MAKURAP

Acadêmica: Alessandra Monteiro Pinho Makurap

Orientadora: Luciana Castro de Paula

ALESSANDRA MONTEIRO PINHO MAKURAP

MÚSICAS TRADICIONAIS DO POVO MAKURAP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da UNIR, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Educação Básica Intercultural, área específica Ciências da Sociedade Intercultural, sob orientação da Professora Mestre Luciana Castro de Paula.

Makurap, Alessandra Monteiro Pinho
M235 Músicas tradicionais do Povo Makurap / Alessandra Monteiro
2015 Pinho Makurap; orientadora, Luciana Castro de Paula. --
Ji-Paraná, 2015
48 f. : 30 cm

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação
Básica Intercultural. – Universidade Federal de Rondônia, 2015
Inclui referências

1. Povos indígenas - Rondônia. 2. Povos indígenas – Cultura.
3. Música dos povos indígenas. I. Paula, Luciana Castro de.
II. Universidade Federal de Rondônia. III. Título

CDU 39(811.1):78



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL
Rua Rio Amazonas, 351, Jardim dos Migrantes, 76900-730, Ji-Paraná/RO – Telefone: (69) 3421-2483

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

No dia primeiro de outubro do ano de dois mil e quinze, na UNIR – Campus de Ji-Paraná, Rondônia, realizou-se a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso – (TCC) da estudante **ALESSANDRA MONTEIRO PINHO MAKURAP**, intitulado “**MÚSICAS TRADICIONAIS DO POVO MAKURAP**”. A banca examinadora foi composta pela Professora Ms. Luciana Castro de Paula (orientadora), pela professora Ms. Edineia Aparecida Isidoro (Membro) e pela professora Ms. Roseline Mezacasa (Membro). Os trabalhos foram iniciados às 15:30 e, após a apresentação do estudante e arguição pela banca examinadora, o Trabalho de Conclusão de Curso – (TCC) foi julgado APROVADA, com nota 100 (cem). Os trabalhos foram encerrados às 18:00 e nada mais havendo a tratar lavrou-se a presente ata.

Prof. Ms. Luciana Castro de Paula
Orientadora (UNIR - Campus de Ji-Paraná)

Prof. Ms. Edineia Aparecida Isidoro
Membro (UNIR - Campus de Ji-Paraná)

Prof. Ms. Roseline Mezacasa
Membro (UNIR - Campus de Rolim de Moura)

Resultado – Ciente da estudante no dia 01/10/2015.

Alessandra Monteiro Pinho Makurap
Estudante

Ao povo indígena Makurap da Terra Indígena Rio Branco e Terra Indígena Rio Guaporé, em especial a dona Juracy Makurap e seu João Makurap, com eles percebi que mesmo a música sendo pouco cantada permanece viva na memória desses velhos e de outros que ao ouvir também cantam. Aos jovens e meus alunos que se dedicaram a ouvir as músicas infantis e de festa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Deus por estar me dando saúde, força e coragem para caminhar em busca dos meus objetivos.

À minha comunidade Samba e Barranco Alto por estar presente nas horas que precisei reunir para passar informações ou avisar que estaria saindo em busca de formação para ser ensinado aos seus filhos.

Aos meus pais que sempre me deram apoio e conselho para não desistir, meu pai Jurandir Makurap e minha mãe Maria do Carmo Makurap que sempre ficaram com os meus filhos em sua casa cuidando para não me atrapalhar em meus estudos, torcendo, pedindo para que Deus me protegesse das críticas de pessoas que gostam de falar.

Ao meu marido Dalton Tupari, por me dar apoio em tudo que pedia de ajuda, não é tão fácil ficar tanto tempo longe de sua esposa, ele sempre ficou e não reclamava em nenhum momento. Às vezes tive vontade de desistir, ele nunca quis, jamais me pediu para desistir, pelo contrário me dava força e segurança para ir à luta. Obrigada pela compreensão e companheirismo. E também aos meus filhos Daílton, Danilo e André Vítor tão compreensivos e amados.

Aos meus colegas de estudo, Izaias Tupari, Raul Tupari, Fernando Kanoé, muitas vezes tive dificuldades em histórias do contato ou até mesmo na escrita da língua, por eles terem mais tempo de trabalho sempre me davam uma forcinha.

Agradeço ao curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural e todos os professores do curso que sempre estiveram à nossa disposição. Só através desse curso, conquistado com muita luta, é que estou podendo terminar o ensino superior, pois mesmo que conseguisse pagar uma faculdade ou fazer cursos não específicos na universidade, não vivenciaria, nem de longe, a experiência da Interculturalidade.

Agradeço em especial à professora Luciana e à professora Edineia. Luciana por ter me aceitado como sua orientanda, me ajudar nesta tarefa tão difícil de pesquisa, com ela foi que comecei a entender a teoria, os passos da pesquisa e percebi o quanto é importante conhecer a história. Edineia por ser a mãezona dos indígenas sempre com sua generosidade e preocupação com a educação indígena, correndo atrás do que fosse preciso para que o curso Intercultural existisse.

À professora Roseline que tem contribuído com os levantamentos culturais do nosso povo, com tanta dedicação e comprometimento. Passou suas gravações, de nossas oficinas, para

que eu transcrevesse, com mais facilidade, a entrevista e algumas músicas que não tinha em minha lista.

Aos meus colegas do povo Makurap no curso, Maísa e Agnaldo, parentes queridos e de grande ajuda nesta caminhada. Com certeza seguiremos juntos em frente na pesquisa, revitalização e divulgação do nosso povo.

Também a todos os colegas do curso da Turma 2009, tantos povos, saberes e experiências dividimos em 5 anos de muito crescimento e aprendizagem, em especial a turma da Ciências da Sociedade Intercultural.

Aos professores de Alta Floresta do Oeste, Romeu, Noel e Valéria sempre companheiros nas lutas.

Às lideranças que também fazem parte desta luta e não podemos deixar de fora de nossos agradecimentos, pois são os nossos esteios, nos apoiam e lutam por nós.

RESUMO

As músicas Makurap tradicionais quase já não estão sendo cantadas. É importante pesquisar as músicas do povo e fazer o registro como oportunidade de tornar pública uma parte da história do povo indígena Makurap para as próprias pessoas pertencentes a essa comunidade, que já não falam mais a sua língua. O objetivo principal foi pesquisar e registrar as músicas tradicionais do povo Makurap, de forma escrita e gravada em vídeo, e também das histórias relacionadas às origens das músicas, além de fazer uma descrição sobre seus usos e significados. A motivação para este trabalho partiu da necessidade de provocar os seus usos no dia a dia da comunidade ou até mesmo a utilizar nas festas que também estão acontecendo cada vez menos. Além da expectativa de construir materiais didáticos específicos para as escolas onde estão presentes população Makurap. A metodologia conta com leituras referentes às temáticas envolvidas, bem como a história do povo, e da relação da música com a educação e cultura, também com entrevistas com os principais sabedores Makurap, da T. I. Rio Branco e Rio Guaporé, para dialogar e registrar suas histórias e conhecimentos. Dentre os resultados estão a transcrição das músicas, tradução, registro de suas histórias e classificação; além de uma análise reflexiva sobre o papel da música para o povo e suas implicações nos usos e significados sociais e culturais.

Palavras-chave: Povo Makurap. Músicas tradicionais. Histórias de origem.

LISTA DE SIGLAS

FUNAI –	Fundação Nacional do Índio
MEC –	Ministério da Educação
SPI –	Serviço de Proteção ao Índio
SEDUC –	Secretaria de Estado da Educação
T. I. –	Terra Indígena
UNIR –	Fundação Universidade Federal de Rondônia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização da T. I. Rio Branco.....	14
Figura 2 - Mapa de localização da T. I. Rio Guaporé.....	15
Figura 3 - Alessadra Makurap conversando com a comunidade Ricardo Franco.	17
Figura 4 - Juracy Makurap, colaboradora e sabedora.....	20
Figura 5 - Anízio Aruá, de camiseta azul, sabedor e colaborador.....	20
Figura 6 - João Makurap, sabedor e colaborador.....	21
Figura 7 - Agnaldo Makurap, colaborador na escrita da língua.....	21
Figura 8 - Basílio Makurap, sabedor e colaborador.....	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 HISTÓRICO DO POVO MAKURAP.....	12
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	17
3 HISTÓRIAS DE ORIGEM DA MÚSICA MAKURAP.....	23
3.1 História da Origem da Música Payawi.....	23
3.2 História da Origem da Música Komã.....	25
4 AS MÚSICAS DO POVO MAKURAP	29
4.1 Registros Antigos.....	29
4.2 Instrumentos Musicais.....	30
4.3 Ações de Revitalização.....	32
4.4 Classificação e Análise das Músicas.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

As músicas Makurap tradicionais quase já não estão sendo cantadas pelos jovens e crianças, nem mesmo pelos mais velhos, por falta de ter com quem conversar na língua. É importante pesquisar as músicas do povo e fazer o registro escrito e gravações como uma oportunidade de tornar pública uma parte da história do povo indígena Makurap, para as próprias pessoas pertencentes a essa comunidade, como também esperando que a sociedade envolvente venha a conhecer um pouco mais sobre as comunidades indígenas que são tão ignoradas, até mesmo no meio acadêmico.

O objetivo principal desta pesquisa foi pesquisar e registrar as músicas tradicionais do povo Makurap, de forma escrita e gravada em vídeo, e também das histórias relacionadas às origens das músicas, além de fazer uma descrição sobre seus usos e significados.

Dentro os objetivos específicos estavam entrevistar as pessoas sabedoras da música, gravar e transcrever na língua Makurap e traduzir para o português fazendo a descrição da origem e formas de uso das músicas; realizar um levantamento sobre os instrumentos musicais tradicionais, dos registros antigos e dos projetos de revitalização cultural das comunidades Makurap.

A motivação para este trabalho partiu da minha relação com o meu povo e o desejo de conhecer mais sobre suas músicas, festas e histórias. Por sentir necessidade de envolver mais a escola, na qual sou professora, com as práticas culturais já bastante esquecidas, além de acreditar que assim poderia provocar os seus usos no dia a dia da comunidade ou até mesmo a utilizar nas festas que também estão acontecendo cada vez menos. Outra motivação foi a expectativa de construir materiais didáticos específicos para as escolas onde estão presentes população Makurap.

Como metodologia para a realização deste trabalho iniciou-se com leituras referente as temáticas envolvidas, bem como a história do povo, e da relação da música com a educação e cultura. Após isso, entrevistas com os principais sabedores Makurap para dialogar e registrar suas histórias e conhecimentos. Em seguida, passou-se a transcrição das músicas, tradução e registro de suas histórias, e finalizamos com uma análise reflexiva sobre o papel da música para o povo e suas implicações nos usos e significados sociais e culturais, além de uma breve reflexão sobre a situação da língua e as ações de revitalização de alguns aspectos culturais importantes.

Os espaços escolhidos para realizar a pesquisa foram a Terra Indígena Rio Branco em Alta Floresta do Oeste, principalmente aldeias Barranco Alto e Samba, e na Terra Indígena Rio Guaporé, aldeia Ricardo Franco, nestes dois locais estão os principais sabedores das músicas

Makurap. Também tem população Makurap na Terra Indígena Rio Mequéns, porém não entrou nessa pesquisa até o momento por não conhecer nenhum parente morador de lá.

O texto final deste trabalho está desenvolvido em quatro capítulos. No primeiro capítulo faço um breve histórico do povo Makurap com suas tristes histórias de massacre, mas também de luta e resistência. No segundo capítulo relato um pouco da trajetória metodológica e teórica construída na busca por alcançar os objetivos propostos. No terceiro capítulo fiz um estudo e levantamento das histórias de origem das músicas Makurap, registrando dois importantes mitos para o meu povo. No quarto capítulo faço descrição dos dados coletados começando pelos registros antigos de músicas, dos instrumentos musicais Makurap, das ações de revitalização cultural, das músicas registradas, classificadas e finalizo com uma síntese reflexiva para tentar aprofundar um pouco a compreensão dos usos e significados das músicas tradicionais do meu povo. E finalmente, nas considerações finais, retomo os meus objetivos, resultados e faço apontamentos sobre a análise para a continuação das pesquisas referentes às temáticas apresentadas.

1 HISTÓRICO DO POVO MAKURAP

Moro na Terra Indígena Rio Branco onde nasci e me criei, meus pais são da etnia Makurap. Eu pertencço ao povo Makurap, não falo a língua Makurap corretamente, mas sempre estou ouvindo os cantos dos mais velhos, meus avós, por parte paterna, sempre falavam e cantavam as músicas Makurap em festa ou no dia a dia da família. Quando ouvia minha vovó cantando achava muito bonito e triste ao mesmo tempo por não conseguir acompanhar cantando junto com eles. Mas mesmo não sabendo o que significava as músicas para meu povo sempre senti uma certa fascinação pela música, porém, como não sabia escrever e nem ler, nunca pensei que um dia eu pudesse fazer essa pesquisa sobre músicas tradicionais do povo Makurap.

A partir do momento que comecei a entender o valor da cultura de um povo, do sentimento de pertencimento étnico, meu anseio pela música foi aumentando, porque vi que, para o povo Makurap, a música era muito preciosa, dava muito significados importantes para os mais velhos das antigas gerações.

Hoje é muito raro ouvir falar que os jovens ou até mesmo os adultos gostam da música do seu povo, gostam mais das músicas do não índio. Acham muito mais interessantes e acabam não dando importância, ou diminuindo o valor da música tradicional. Como eu já estudo e sei o valor que tem uma cultura, uma crença, uma dança e a música, acho muito importante registrar, gravar e deixar registro para que outra geração conheça e quem sabe, alguém vai dar importância.

Assim também vou registrar e deixar documentos importantes para que meus netos ou bisnetos vejam e saibam sobre a sua música tradicional que atualmente só está na memória dos mais velhos.

O breve histórico do meu povo abaixo é um misto das histórias que ouvi dos mais velhos com as leituras dos principais estudiosos do povo (CASPAR, 1958; MALDI, 1991; MELATTI 2007, MINDLIN, 2014), e das conversas específicas com os meus colaboradores para a pesquisa dessa monografia. Portanto, são as minhas próprias palavras na tentativa de dar voz a nós indígenas e resumir um pouco a grandiosidade da existência Makurap nesse mundo.

Por motivo do contato o povo Makurap foi levado a adormecer seus saberes e práticas culturais em favor de uma imposição violenta de outra sociedade, dentre elas as suas músicas. Mas tudo isso aconteceu por motivo de separação dos grupos Makurap.

Antes do contato, viviam todos em uma só localidade dividido no máximo em 3 grandes malocas em um lugar entre o Rio Branco e o Rio Mequéns, onde cultivava sua cultura

tradicional¹. Nos anos entre 1920 e 1930 o grupo Makurap teve contato com os seringueiros que navegavam pelo afluente do rio Branco em busca de seringas. Os Makurap vinham ao rio Branco pescar e encontraram os seringueiros Assim os homens Makurap e também outras etnias como os Ajuru, Arikapu e Jaboti, vieram em busca de trabalho e objetos que eles não possuíam antes como facão, machado. Mas para isso, os seringalistas os faziam trabalhar como semiescravos no seringal. E foram obrigados a trazer todos os seus familiares e parentes mais próximos para também trabalhar tanto na seringa quanto na lavoura, eram obrigados a falar somente a língua portuguesa ou castelhana, suas festas e cantos foram sendo excluídos, mesmo que o povo Makurap quisessem praticar suas festas e músicas não podiam porque quem mandava agora nos Makurap eram os seringalistas. Também não podiam mais voltar para suas malocas porque agora já estavam contaminados pelos vírus da gripe e sarampo, além do mais pequenas aglomerações urbanas e fazendas também já invadiam os seus territórios.

Assim o povo ficou preso aos seringais e através dos Makurap, outras etnias que ainda não tinham entrado em contato com essa realidade, como por exemplo, os Tupari, tiveram a triste experiência, pois como os Makurap foram os primeiros a entrar em contato com os não indígenas, foram os primeiros a aprender a falar o português, e como as demais etnias falavam e entendiam a língua Makurap². Um líder Makurap ficou sendo como se fosse intérprete do português para os seringueiros. Serviria como tradutor e capataz – homens de confiança das outras etnias e dos seringueiros. Então os seringueiros levavam um Makurap que já falava o português nas expedições de contato. Esse Makurap tinha o dever de ir nas malocas dos Jaboti e Tupari falar tudo o que os seringueiros mandavam ele falar; oferecer objetos em troca de seus trabalhos, dizer que a vida com os não-indígenas era muito boa e que eles deviam se juntar assim como os Makurap já estavam lá e contavam sobre suas convivências com os não-indígenas mas contavam só as coisas boas que vinham dos seringueiros.

O líder dos Makurap foram em busca desses grupos indígenas à mando dos seringalistas, faltava mão de obra para o trabalho. Dessa forma, ficavam iludidos e vinham para o seringal São Luíz³ trabalhar em troca de espingarda, machado, terçado, enxada ou roupas e outras coisas necessárias. Ou seja, tornavam-se escravos, acumulando toda violência consequência dessa decisão. Assim que todos estavam localizados no seringal chamado São Luíz, fizeram sua última festa tradicional onde cantavam juntos todos os povos do mesmo tronco linguístico. Desde então, veio a epidemia de sarampo e da gripe matando bravamente os mais fracos. Quase se acabando

¹ A dimensão do território que os Makurap perambulavam no passado é enorme em comparação com a pequena terra demarcada oficialmente. (Maldi, 1991).

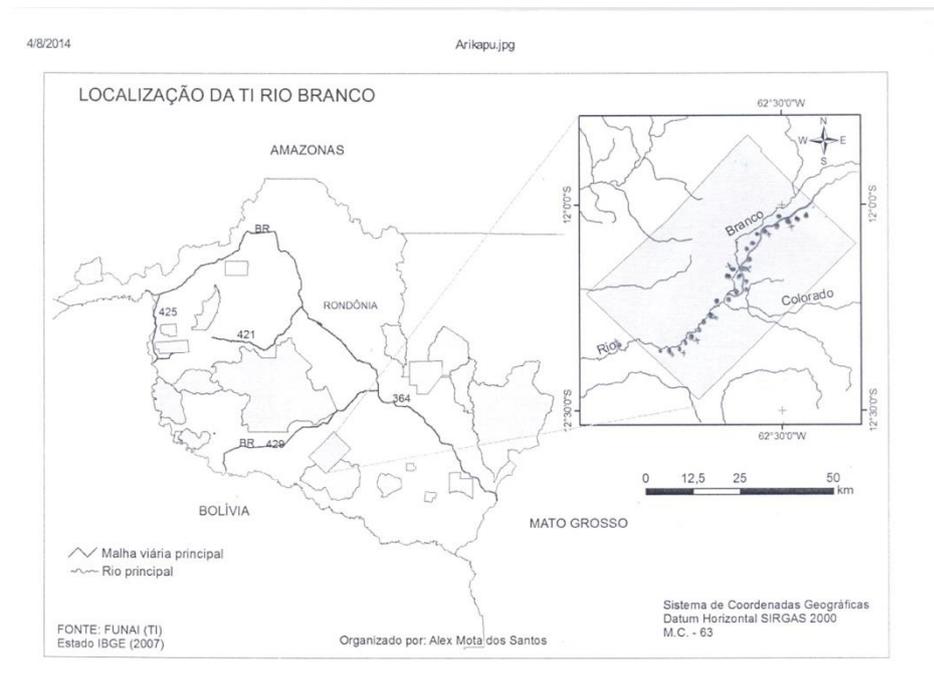
² Os Makurap eram considerados o grupo mais forte da região e sua língua considerada língua franca entre os povos próximos. (Caspar, 1958 e Maldí, 1991).

³ Atualmente aldeia São Luíz.

as etnias em geral. Foi então, por volta do ano de 1976 que apareceu o Serviço de Proteção ao Índio – SPI, para fazer a retirada destes povos que estavam morrendo à míngua nas mãos dos seringalistas e seringueiros.

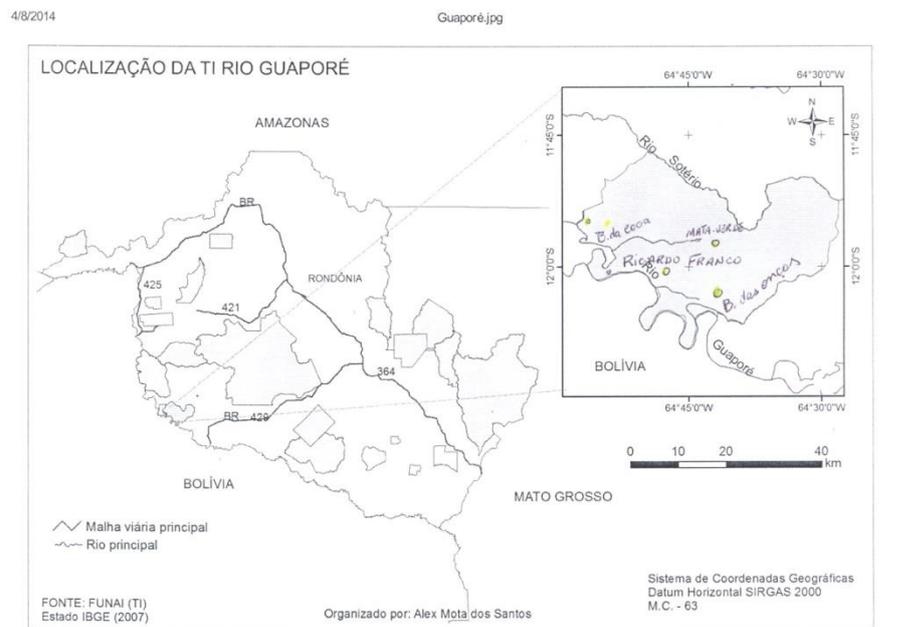
Nesta época a Terra Indígena Rio Guaporé, mais conhecida como Posto Indígena Ricardo Franco estava sendo demarcada⁴ e era para lá que o SPI queria levar todo o pessoal que restava após vários anos de violência e epidemias, os que vivem hoje no Guaporé foram os que decidiram ir, constatando que naquele momento não tinham outra saída, ficando apenas algumas famílias de Makurap e a maioria de Tupari. Assim as lideranças que não quiseram deixar seu território tradicional permaneceram no Rio Branco, trabalhando na seringa e lutando para ser feita a demarcação da terra ainda sob forte pressão dos seringueiros. Só no ano de 1980 que a Fundação Nacional do Índio – FUNAI⁵ instalou um Posto Indígena na região sendo a terra finalmente demarcada apenas em 1983 e homologada em 1986 com uma de 236.137,00 ha, deixando sete (7) aldeias fora dos seus marcos. Fica entre três (3) municípios do Estado de Rondônia: Alta Floresta d'Oeste, São Miguel do Guaporé e São Francisco do Guaporé.

Figura 1: Mapa de localização da T. I. Rio Branco.



⁴ A T. I. foi demarcada em 1976 e homologada apenas 20 anos depois.

⁵ Órgão que substituiu o SPI em 1967.

Figura 2: Mapa de localização da T. I. Rio Guaporé.

Os povos habitantes hoje na Terra Indígena Rio Branco são Makurap, Tupari, Aruá, Arikapu, Kanoé, Kampé, Djeromitxi, Wajuru e Tenharim. Mas com os grupos cada vez menores e mais divididos, não podiam mais se encontrar para fazer suas festas tradicionais. Desde então a música ficou esquecida. E não só a música, mas a cultura toda, principalmente, a língua materna, que antes do contato era a língua franca falada e ouvida pelos outros povos, como já foi mencionado. Com a influência da sociedade não-indígena só foi possível manter algumas práticas como a bebida – chicha – e alguns rituais simples como alguns remédios e curas, caça e pesca, porém cada vez mais também vão se esvaziando, hoje mais por influência das igrejas evangélicas e hábitos capitalistas. Nas festas que são feitas, as músicas que são cantadas e dançadas são só as “de branco”, não se ouve ninguém dos jovens cantar as tradicionais, apenas os mais velhos que cantam quando se juntam com outro ancião que sabe cantar, canta lá no seu cantinho, entre eles mesmos. Os jovens não fazem nem questão de parar e ouvir. Tanto o grupo de Ricardo Franco e do Rio Branco estão na mesma situação. Apenas uma senhora dentre os mais velhos Makurap da T. I. Rio Branco sabe cantar e não são todos que conseguem acompanhar o canto. Aqueles que aprenderam estão esquecendo muita coisa e os poucos que sabem já estão em idade avançada e às vezes confundem-se muito com as palavras, outros já morreram e está restando apenas aqueles que só falam a língua Makurap, meu pai mesmo só sabe falar e cantar muito pouco. Apenas dois cantores estão na Terra Indígena Rio Branco, sendo que um deles é Aruá, mas sabe cantar as músicas dos Makurap.

A Aldeia Barranco Alto é uma dos principais lugares pesquisados nesse trabalho, localizada na T. I. Rio Branco nessa aldeia vivem 04 famílias da etnia Makurap e Aruá. Essa

aldeia foi criada em 1990 pelo seringueiro indígena José Anderê Makurap, ele e sua família fizeram a aldeia crescer. Hoje ele já não existe mais, na aldeia vive os filhos, netos e a viúva que totalizam aproximadamente 26 pessoas que vivem da caça, pesca, plantação de milho, mandioca, batata doce, arroz, feijão e café, e uma pequena criação de gado que serve como fonte de renda da comunidade.

Os dois povos que vivem neste local falam a língua portuguesa, apenas uma senhora fala língua Makurap, alguns adultos e jovens só entendem, mas não falam. Os Aruá falam somente a língua portuguesa, mas estão aprendendo a língua Makurap na escola, como segunda língua e com a avó deles que é a falante da língua.

A Aldeia Samba também é objeto deste trabalho e está localizada há cinco (6) quilômetros de distância da Barranco Alto na T. I. Rio Branco. Essa aldeia foi criada no ano de 2000 pelo Senhor Jurandir Monteiro Pinho Makurap, sendo os habitantes que nela vivem das etnias Makurap e Tupari totalizando 19 pessoas. Os alunos ali existentes estudam na escola Erapoaron Makurap, localizada na aldeia Barranco Alto. O trajeto realizado pelos alunos é feito de bicicleta e até mesmo a pé. Na aldeia Samba a língua materna não está mais sendo falada, sendo o português a língua dominante. Na aldeia existe um falante da língua Makurap, mas não faz uso com os demais pelo fato de dificuldade de entendimento com os outros. A língua Tupari também não está sendo usada na Aldeia Samba.

Vivem da caça, pesca, coleta de mel, óleo de copaíba, castanha, patoá, açaí, frutos nativos (pama, cacau, mão de jabuti, olho de jacaré, ingá) e da roça onde plantam milho, banana, batata, feijão, amendoim, arroz, café, cará e mandioca de onde é produzida a chicha, a goma e a farinha que serve como alimento e fonte de renda. A pupunha é uma árvore preciosa, pois é dela que é extraída a madeira para confeccionar o arco e a flecha, que é sua principal arma para caça e defesa. A criação de gado além da alimentação da comunidade também é utilizada como fonte de renda.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O povo Makurap está localizado na área indígena Rio Branco e outro grupo Makurap vive na terra Indígena Rio Guaporé, aldeia Ricardo Franco. Esse povo resistiu e sobreviveu a graves massacres feito pelos seringueiros. Apesar de tudo e todos os problemas enfrentados o povo Makurap ainda guarda consigo a vontade e a esperança de manter viva a sua cultura e a língua materna. Essa pesquisa ajudará muito na minha escola e comunidade, o meu foco maior são as músicas, por isso fiz várias leituras para saber de autores que falam do povo Makurap (CASPAR, 1958; MALDI, 1991; MELATTI, 2007 e MINDLIN, 2014), por enquanto não foi possível encontrar muita informação já escrita sobre a musica do povo Makurap (SNETHLAGE apud MERE, 2013), de outros povos tem registros como dos Suya e dos Xavante (SEEGER apud COELHO, 2007 e COHN, 2013), os Kaingang (GIBRAM, 2008) também estudei sobre a relação da música indígena com a educação e a cultura (ALMEIDA & PUCCI, 2015 e OLIVEIRA, 2012).

Figura 3: Alessadra Makurap conversando com a comunidade Ricardo Franco.



Fonte: Edineia Isidoro, Aldeia Ricardo Franco, outubro 2013.

O que está me deixando muito preocupada são as músicas que já estão sendo esquecidas. Por esse motivo vem à pesquisa sobre esse assunto tão importante tanto para mim como para o povo Makurap. As músicas tradicionais já não estão sendo mais usadas nas festas. Os jovens já não mais cantam, quem canta são apenas as pessoas mais velhas, e os velhos já estão se acabando e as bibliotecas – que são suas memórias – onde guarda os saberes musicais também estão sendo enterrados quando eles morrem.

As músicas tradicionais do povo Makurap são divididas em três grupos: as músicas de Payawi, caracterizadas por serem gestos de gozação ou zoação com o outro na forma de

desafios⁶, são músicas do cotidiano; música Komã que são de festa⁷; e músicas infantis⁸. Todas as músicas vêm de criações das pessoas e sempre tem uma relação com fenômenos da natureza, que pode ser identificado sobre animais mamíferos, aves, peixes, ou chuva, friagem. Como citado por Almeida & Pucci (2015, p. 66)

A música dos povos indígenas é totalmente integrada a vida em sociedade, fazendo parte de todos os rituais, sejam eles uma colheita, um rito de iniciação ou de cura, um casamento, um nascimento ou uma cerimônia fúnebre. A música indígena se relaciona, geralmente, aos mitos, a elementos da natureza e aos seres fantásticos que habitam o imaginário indígena.

Então todos os grupos indígenas não produzem músicas somente para agradar aos ouvidos (OLIVEIRA, 2012). Música é uma arte e tem poder e significados para todos os fenômenos, tanto faz para festas, rituais, cerimônias, no caso do Makurap, por exemplo, a música conhecida como polín é um tipo de música que não pode ser cantada em nomes de pessoas porque se alguém cantar para aquela pessoa ela pode morrer. Também serve como música de vingança e má sorte no caso dos guerreiros Makurap que iam para os conflitos com inimigos de outras etnias usando os instrumentos feitos com taboca. Hoje já nem cantam mais porque os velhos que foram guerreiros e tinham aprendido com seus avós já não existem mais e já não há guerra entre povos.

Durante esse tempo de pesquisa percebi que se eu fizesse um estudo só da música estaria fazendo uma pesquisa pela metade, porque a música envolve histórias, rituais assim como colocou Gibram 2008,

[...] a música não pode ser estudada como uma estrutura isolada mas como um evento que é parte indissociável de um contexto maior. A música de qualquer grupo indígena portanto envolve fazeres musicais peculiares a cada cultura em qual se desenvolvem em diferentes contextos. (2014, p. 17-18)

Enquanto fiz minhas pesquisas na aldeia, observei que a música estava sendo isolada na escola. Percebi então que seria um bom objetivo trabalhar a música na escola. Assim as novas gerações estarão conhecendo um pouco os seus mitos, suas danças e cantos, estará também ajudando no ensino da língua materna.

Através da música, as crianças apreendem a língua materna mais facilmente. Não só a música, mas os artesanatos, a dança é um conteúdo de incentivo para as crianças terem gosto pela música da sua cultura. Também faz com que melhore a escrita e a ortografia da língua materna, facilitando a aprendizagem.

Ao entrar no curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural, na primeira turma o curso através do vestibular em 2009, já comecei a pensar, em que pesquisar. Como eu não

⁶ Serão tratadas nos capítulos 3.1 e 4.4.

⁷ Serão tratadas nos capítulos 3.2 e 4.4.

⁸ Serão tratadas no capítulo 4.4.

domino muito bem a língua materna do meu povo Makurap, pensei que fazendo a minha pesquisa sobre a música estaria me ajudando na escrita e no conhecimento da música Makurap, pensando no fortalecimento destes temas foi que cheguei a conclusão que deveria aprofundar mais sobre a pesquisa da música Makurap. Para mim, esta pesquisa não foi apenas para a conclusão de curso, mas sim uma produção concreta que vai servir como material didático para a escola Makurap, ou outra escola da aldeia.

Portanto, a pesquisa de música foi uma ideia que veio à mente, por necessidade minha e de outros professores e jovens da comunidade, não pesquisei apenas a música mas também os mitos, por que a música está ligado aos mitos. Então percebi que o trabalho de levantamento de dados e histórias de origem seriam mais complexos e com mais tempo para fazer um bom trabalho, atingindo um bom resultado. Esta é a primeira pesquisa feita por uma indígena Makurap sobre as músicas e suas relações com os mitos. Apesar já de conhecer o meu povo, os mitos e algumas canções, entendo a pesquisa ainda como pela metade, pois me senti insegura em vários momentos: na leitura da bibliografia que não fala especificamente da música Makurap, da complexidade da teoria antropológica e da etnomusicologia, de estar no processo de aprender, ensinar e pesquisar a língua Makurap. Mesmo assim fui à frente com o trabalho e a investigação. Porque se eu não fizer quem fará? Como o curso Licenciatura Intercultural traz essa oportunidade para os professores indígenas fazerem suas próprias pesquisas, aproveitei e cheguei na comunidade decidida sobre o que queria trabalhar. Para decidir os colaboradores, pensei primeiro nas pessoas que conhecem as histórias de cada música. Na terra indígena Rio Branco, são apenas duas pessoas que conhecem bem: dona Juracy Makurap e seu Anízio Aruá.

Primeiro com dona Juracy e mostrei o esqueleto do projeto, falei como seria feito, esse trabalho não teria pagamento, mas seria uma coisa muito valiosa para os descendentes Makurap, depois de ter falado com ela e ela entender e gostar do trabalho, e de colaborar com minhas pesquisas, reuni a comunidade para falar sobre a pesquisa, poucas pessoas participaram, e disseram que era bom fazer essa pesquisa, porque não sabemos mais nada sobre as músicas tradicionais, isso me fez sentir com mais motivação e necessidade de pesquisar, após ter realizado a reunião deixei marcada o primeiro dia da pesquisa para um dia de sábado, como não tinha gravador usei apenas lápis papel e uma maquina fotográfica para registra. Começamos pelas história da música infantil, nos dias de semana levava os alunos para ouvir e cantar, eu escrevia as letras e nas aulas de língua materna corrigia a ortografia junto com os alunos. Os encontros foram muito poucos porque eu tinha que dar aula de outros conteúdos e muitas vezes minha colaboradora não podia me atender ela tinha seus compromissos e outros Makurap moram muito distantes não dava para chegar aonde eles vivem.

Figura 4: Juracy Makurap, colaboradora e sabedora.



Fonte: Roseline Mezacasa, Aldeia Barranco Alto, 2014.

Figura 5: Anízio Aruá, de camiseta azul, sabedor e colaborador



Fonte: Alessandra Makurap, Aldeia São Luiz, 2011.

A maioria dos Makurap se localiza na Terra Indígena Guaporé no município de Guajará-Mirim. Em outubro de 2013, tive a oportunidade de ir até a comunidade de Ricardo Franco onde pude conversar com o Sr João Makurap e Dona Isaura Makurap eles são dois grandes conhecedores das músicas e histórias tradicionais do povo Makurap, contaram-me várias histórias e músicas confirmando todas as músicas já repassadas por Dona Juracy como a do beija-flor, do peixe tucunaré, as histórias e músicas de origem de Payawi e Kaxuléu entre outras, está tudo registrado nesse meu trabalho de conclusão de curso.

Não tive muito tempo para registrar que poderia e deveria lá, porque foram poucos dias e fui de carona com outras duas professoras pesquisadoras que também estavam colhendo outros dados, mesmo assim os dias renderam muito e o trabalho valeu a pena.

Depois deste encontro não tive oportunidade de voltar a me reencontrar com essas pessoas devido a distância.

Transcrevi os registros para o TCC, selecionando os dados recolhidos específicos ao tema para posteriormente revisar e fazer a análise. Pois no início ainda tinha muita insegurança de escrever somente com uma pessoa e de “filtrar errado” as informações repassadas, queria estar fazendo o trabalho com todos os sabedores Makurap juntos, mas isso não foi possível. Pedi ajuda ao meu colega Agnaldo Makurap (também morador de Ricardo Franco) para revisão da escrita na língua mas ainda não nos encontramos para ele me devolver. Esse é um dos meus receios: apresentar este trabalho sem estar vendo a opinião dos outros mais velhos da outra T. I⁹. Mas após o término, pretendo levar uma cópia e ler com eles.

Figura 6: João Makurap, sabedor e colaborador.



Fonte: Edineia Isidoro, Aldeia Ricardo Franco, outubro 2013.

Figura 7: Agnaldo Makurap, colaborador na escrita da língua



⁹ Até o momento foi feito a revisão das músicas apenas com Dona Juracy Makurap na Aldeia Barranco Alto.

Fonte: Edineia Isidoro, Aldeia Ricardo Franco, Outubro de 2013.

Apesar dos obstáculos que enfrentei consegui recolher bastante dados previstos pela grandiosidade do tema do meu trabalho. Eu mesma conheci coisas do povo Makurap que ainda não sabia estou surpresa e muito feliz com isso, porque não esperava recolher toda essa informação.

Gostei de estar ouvindo o que as pessoas me repassaram com muita alegria, eu gostava quando as pessoas mais velhas soltavam suas vozes com confiança e olhavam para mim com alegria e suas histórias que eram contadas e quando me faziam cantar junto com eles, os acompanhando mesmo com dificuldade e eles ficavam muito felizes, esse foi um dos momentos que eu mais gostei de estar pesquisando e participando. Assim eu viajei no tempo em que meus bisavôs viviam antes do contato. Por esse motivo fez com eu tenha mais vontade de pesquisar e de registrar, antes eu não tinha interesse nessas pesquisas, nas histórias do meu povo, nas músicas, hoje percebo que é muito importante para manter a cultura viva, dinâmica e em movimento. Saber como é importante para os jovens conhecerem, já que não estão interessados nas histórias assim como eu já estive. Gosto de fazer esse trabalho queria estar sempre pesquisando e gravando todas as músicas, se pudesse gravaria todo o passado, estaria me dedicando profundamente nesse projeto.

Figura 8: Basílio Makurap, sabedor e colaborador



Fonte: Roseline Mezacasa, Aldeia Barranco Alto, 2014.

3 HISTÓRIAS DE ORIGEM DA MÚSICA MAKURAP

3.1 História da Origem da Música Payawi

Era uma vez um jovem casal e sua sogra que vivia em uma aldeia, sua mãe invejava a felicidade da filha. Então decidiu separar a filha para ficar com o genro: nesse dia o moço, marido da moça tinha saído para caçar e deixou sua esposa fazendo chicha. O rapaz era Yalekute, a moça Payawi, a sogra, Patimã. A mãe a esperou no momento certo para acabar com a filha .

Então disse:

__ Filha vamos tirar folha de sororoca para fazer moqueca de milho.

A filha inocente foi, andaram no varredor até que chegou ao sororocal. Patimã falou:

__ Pega a folha mais bonita que estão bem lá no meio. Quando Payawi foi pegar caiu no buraco muito fundo, a velha voltou contente para maloca já parecida com a filha e continuou a trabalhar o que a filha estava fazendo; cozinhando o milho e mastigando batata e milho, quando mastigava sua gengiva saía sangue e as cunhadas estranhavam, mas ela disse que era o remédio que ela tinha mastigado.

Quando Yalekute chegou da caçada nem desconfiou, dormiu com a sogra pensando que era sua esposa. Perguntou:

__ Cadê tua mãe?

__ Ah, ela foi para outra aldeia.

Antigamente existia esse tipo de sumiço que ninguém sabe como explicar. Assim o jovem Yalekute viveu por semanas morando com a sogra sem desconfiar que foi enganado pela velha feiticeira, sua sogra. Ele saía para caçada e não desconfiava de nada, enquanto a velha muito contente ficava na maloca fazendo a chicha e acompanhando as outras mulheres ao trabalho e ninguém desconfiava da traição dela com a própria filha, Payawi. Enquanto sua mãe estava feliz fazendo festa e cantando as pequenas músicas sem ritmo e sem sentido como “*tá tá era nguínga tamlembe*” e toda a comunidade acompanhava em harmonia, Payawi estava no buraco na casa do arco-íris que era espécie de uma caba¹⁰ grande, do tipo mágica.

Yalekute trazia caça para ela comer, como nambu, mutum e a velha tinha que disfarçar, não podia comer os ossos e tudo, como sua filha fazia. Era banguela, não tinha dentes, só

¹⁰ Caba, na região norte, é um termo utilizado para designar várias espécies de marimbondo.

chupava a carne e escondia os ossinhos na parede da maloca feita de palha. O marido andava cismado com a mudança de hábitos da esposa, por exemplo, quando dormia, ela roncava.

Um dia, ele foi caçar, como de costume, fazendo tocaia para matar nambu. Atirou a flecha e caiu bem pertinho, mas procurou e não achou; flechou outra vez, aconteceu a mesma coisa. Era sua mulher que puxava a flecha para o buraco para ver se ele a encontrava. Todas as flechas se perderam e Yalekute resolveu procurar com mais cuidado. Uma das flechas havia caído bem na beira do buraco, quando foi pegar, Payawi segurou o braço do marido dizendo:

— Você pensa que sou eu que você namora na nossa rede todas as noites? É minha mãe

Quando Yalekute ouviu a voz de sua mulher chorou de tristeza. Viu que ela estava mal e toda mordida por aranhas e vermes que roíam a sua carne. Nesse dia Yalekute não conseguiu tirar Payawi do buraco porque ela estava presa pelo arco-íris. Payawi falou para seu marido chamar todos da maloca para fazer uma festa, uma chichada. Assim, Yalekute voltou para a aldeia e antes falou com todos de lá, mas como estava com muita raiva correu atrás da sogra e bateu nela até tirar sangue. Enquanto a velha apanhava, gritava sem saber que tinha sido descoberta:

— Porque você está me batendo, meu marido? Está com ciúmes de mim? Não estou namorando ninguém.

A irmã de Yalekute, que não sabia de nada, gritou não a machuque, não machuque minha cunhada. Ele então contou a verdade para sua irmã. Nesse momento, Patimã se lembrou da filha lá no buraco e saiu correndo para comer a filha, mas quando chegou lá Payawi já tinha sido tirada do buraco, não pelos homens da aldeia mas sim pelas cabas pretas, cavalo-do-cão e a caba fininho¹¹. A caba preta amarrou o arco-íris na cintura da caba fininho e enquanto uma ferroava o arco-íris as outras puxavam até que soltou Payawi.

Durante o tempo que ficou lá no fundo do buraco, Payawi aprendeu as cantigas que na aldeia ninguém sabia.

À noite o marido passava cinza na mulher para ficar boa. Nesta noite tomaram chicha, mas Yalekute não quis que sua mulher saísse, estava fraquinha. Deitada na rede Payawi escutava as pessoas cantando enquanto bebiam. Disse que as cantigas eram muito feias e estavam todas erradas e que ia ensinar os cantos verdadeiros para o seu povo.

Nesse tempo ninguém sabia cantar uma música de verdade. Quando já estava melhor, Payawi saiu para a chichada e ensinou as músicas, cantava com uma voz linda e afinada, caçoando do marido que namorou a sua sogra. Assim o arco-íris ensinou para Payawi que ensinou para todo povo as músicas de zombaria, e depois disso que vieram outras invenções de outros tipos de músicas.

¹¹ Cabas pretas, cavalo-do-cão e a caba fininho são tipos de marimbondos.

As cantigas de Payawi eram sempre caçoando de seu marido, outras vezes eram músicas usando nomes de pássaros ou seres da natureza. São músicas para serem cantadas em qualquer momento, por qualquer pessoa, não tem regras de uso. Quem sabe cantar as músicas de Payawi, canta tanto em festa quanto no dia a dia, em apresentações, no trabalho de roça ou em casa. As músicas criadas por Payawi são um tipo de canções de zombaria do outro, e se travam como desafios, ou seja, uma pessoa canta zombando de outra pessoa, e a outra em seguida assume a música respondendo ao primeiro também com zombaria, e assim por diante.

Além das músicas de Payawi temos outro tipo de música que é usada em festa. Essa tem mais ritmo e são mais conhecidas, são conhecidas como música Komã. Agora vou contar a história de surgimento das músicas do tipo Komã e mais adiante descrevo as letras que consegui pesquisar até o momento.

3.2 História da origem da música Komã

Os mais velhos contam que antigamente existiam uma lagoa grande perto de uma comunidade Makurap, e que no fundo dessa lagoa morava uma velha chamada Kaxuléu, então a mulherada da aldeia mandaram seus filhos para juntar peixinhos e sapinhos para comerem assados. As crianças saíram para a lagoa atrás dos bichinhos, ficaram contentes ao ver muitos sapinhos e peixinhos por cima da água nadando. Começaram a juntar os peixinhos, quando no meio da lagoa apareceu a velha, boiando. Avistou a criançada catando os peixinhos e disse:

__ Minhas netinhas vocês estão estragando nossas músicas e nosso jenipapo!

__ Nós não estamos estragando nada, nossa mãe quem mandou pescar. __Responderam as crianças.

__ Vocês pensam que estão juntando peixinhos e sapinhos, mas não, eles são nossas músicas e nosso jenipapo de pintar o corpo. Vou ensinar vocês a cantarem.

A velha Kaxuléu começou a cantar e a música era tão linda que as crianças ficaram seduzidas tentando aprender. Ela parou e mandou as crianças voltarem para a aldeia e contar para suas mães sobre o que juntavam na lagoa não eram peixinhos era a música e o jenipapo.

Quando chegaram em casa as mães reclamaram questionando-os por que não pescaram. Então as crianças falaram da existência da velha que estava na lagoa e disse que ela pediu que vocês fossem até lá para ouvir as músicas belíssimas que ela cantou para nós, pois é muito lindo. As mulheres ficaram curiosas e foram até a lagoa, chegando lá a velha falou:

__ É verdade minhas filhas, o que estão vendo nadando em minha água são nossas músicas e jenipapo. Venham vou ensinar vocês a cantar e dançar.

As músicas eram mesmo encantadoras, tanto que as mulheres e as meninas ficaram entretidas durante longo tempo, nem viram as horas passar, mas muito tempo depois sentiram fome. Foi aí que Kaxuléu saiu totalmente da água com um canto tão forte, os cabelos dela eram pretinhos, compridos até o pé, quase assustador, mas muito bonito. A velha viu que as mulheres estavam gostando, e ordenou:

__ Amanhã vocês vêm para cantar mais afinado as músicas komã, mas antes, mate os maridos de vocês para nós comermos enquanto cantamos. Essa sim é a nossa comida verdadeira, não os peixinhos.

As mulheres ficaram assustadas, mas concordaram.

__E quem vai ser a primeira a matar hoje?

__Eu, eu, eu.

Todas gritavam juntas, até que escolheram uma dentre elas. Quando foi de madrugada, essa matou o seu marido, tampou com palha e quando foi bem cedinho disse que ia para a roça com as outras. Levaram o marico¹² com o homem dentro, cozinharam no panelão de barro e comeram junto com a velha da lagoa, e assim foi, todas as noites um dos homens desaparecia e as mulheres passavam o dia na lagoa cantando com a velha e comendo a carne do marido. Estavam todas encantadas que até se esqueciam dos maridos, disfarçavam dizendo que iam para a roça, mas quando voltavam estavam tão estranhas que os homens começaram a desconfiar. Os homens também estavam sumindo. Resolveram, então, achar um jeito de descobrir o mistério de tanta diferença no comportamento das mulheres. Marcaram uma caçada deixando apenas um rapaz fingindo estar doente, com febre, as mulheres deixaram uma panela de chicha embaixo da rede dele e saíram pensando que o rapaz estava mesmo doente. Assim que elas saíram alegres para ir até a lagoa, o rapaz subiu no jirau de milho e ficou olhando de longe pelo buraco da palha. De repente, viu uma delas retirar o marido morto de dentro do esconderijo, o jogou no marico e carregou nas costas. Ele desceu correndo e foi procurar os outros homens no acampamento de caçada. Chegando lá, contou para os companheiros.

__ São elas mesmo que estão acabando com nós, matando um a um.

O grupo de homens ficou com muita raiva, prepararam as flechas e seguiram atrás das mulheres prontos para destruí-las.

__Nós vamos matar essas desgraçadas.

Seguraram as pegadas em um longo silêncio, cercaram pelo mato em volta da lagoa, elas estavam todas em roda dançando e comendo, bem cozidinho, um dos homens que tinha matado

¹² Bolsas de vários tamanhos de fibras de tucum, tecidas em pontos miúdos ou médios, de variados tamanhos. De acordo com Denise Maldí (1991) o marico é um elemento cultural de grande valor, característicos e exclusivos dos grupos indígenas que habitam hoje a T. I. Guaporé e a T. I. Rio Branco.

cantavam com alegria e a velha tocava taboca, enquanto as mulheres acompanhavam em voz bem alta e forte, mesmo com muito ódio das mulheres e da velha, os homens ficaram encantados pela força da música komã. A velha dançava soprando sua taboca, o cabelo comprido e preto cobria seus peitos enrugados, os ossos dos homens mortos estavam pendurados nas linhas de algodão ou como enfeite nas pernas da velha Kaxuléu e das dançarinas. Falavam:

— Quem vai matar hoje? Quem quer dar o marido para nós comermos?

Nessa hora a linhas que estava os ossos se quebrou, como se estivesse avisando o perigo. E os homens flecharam todas ao mesmo tempo, mataram todas, juntaram os cadáveres das mulheres e chamaram por Kaxuléu que tinha escapado caindo dentro da lagoa.

— Vem vovó, ensinar nós a cantar, achamos suas músicas muito bonitas.

Chamaram, chamaram até que ela acabou boiando com a água pela cintura trazendo suas lindas tabocas.

— Cante para nós ouvirmos.

Ela cantou e os homens queriam ouvir mais e mais, também foram se hipnotizando pela música, mais logo se lembraram do acontecido.

— São lindos os seus cantos, mas você matou muito dos nossos homens e agora vamos matar você.

Atiraram as flechas e ela no meio da lagoa arreganhava os dentes branquinhos e dizia:

— Foi com esses dentes que comi muitos homens de vocês.

De repente uma das flechas acertou bem nos seus dentes, ela afundou no lago mas não morreu. Está nesta lagoa viva ainda, todos que contam essa história dizem que ela continua viva.

E que os corpos das mulheres mortas viraram pedras nas paredes. E que nas pedras é possível ver os desenhos das tabocas em forma de pedra. Depois das mortes das mulheres os homens passaram a viver sem mulher e faziam os deveres de casa e caçavam, sem ter nenhuma mulher para namorar e ter filhos, viviam só andando pelo mato para se distrair.

As músicas só passaram a ter valor depois que os homens mataram as mulheres, por falta de mulher começaram a inventar e ouvir música que vinha de seres falantes e animais que se comunicava com o homem. Cantavam juntos, aprendiam e repassavam para outros que se interessassem em aprender.

Vejam só o que aconteceu, na hora que mataram as mulheres tinha ficado duas meninas escondidas atrás de uma sapobemba, no tronco da árvore. O cacique viu e percebeu que eram suas irmãs, elas choravam bem baixinho, perguntou:

— Vocês também comeram a carne de seus tios e irmãos? — Responderam que não. Então ele resolveu esconder as duas meninas em cima do jirau da maloca. Agora os homens saíam para caça e sempre ficava um para cozinhar e fazer chicha. Como os homens não sabem

fazer a chicha, era muito ruim, sem doce e não fermentava, bebiam reclamando, cuspidando mas não tinha outro jeito, assim eles se revezavam para fazer a chicha. Quando chegou a vez do cacique fazer a chicha, esperou todos saírem, desceu as irmãs para ajuda-lo a fazer. Mastigavam o milho, a batata para adoçar a chicha, era assim toda vez, quando era a chicha do cacique todos gostavam, bebiam com gosto, até que começaram a desconfiar:

— Nós fazemos chicha sem gosto, já o cacique faz chicha boa. Porque? Deve estar escondendo mulher por aí.

O cacique resolveu contar a verdade, explicando que não deixou matar as irmãs, pois juraram que não tinham comido carne de homens. Os outros concordaram em deixar as meninas viver como já estavam grandinhas desceram do jirau e se casaram e o povo Makurap foi aumentando outra vez. Através dessas duas meninas foi que o povo passou a existir novamente, se não fossem elas não existia Makurap no mundo.

Através delas é que também existe a musica komã como aprenderam quando eram crianças não esqueceram mais, passaram a ensinar e cantar com os seus maridos e com os outros homens que também tinham aprendido a cantar antes de terem flechado a velha Kaxuléu.

Assim foi ensinada a musica komã e sendo repassado de geração para geração. Até hoje as músicas komã são cantadas pelos mais velhos da aldeia. São músicas de festa, com ritmos alegres. Posso dizer que para quem canta komã são as músicas que marcam uma vida, a vida dos Makurap. Para os cantores é como se fosse um belo sucesso, ele entra no ritmo e dá sentido ao canto junto com as danças, os velhos gostam de cantar e demonstrar seus talentos quando tem oportunidade para reviver os momentos marcantes de suas historias através, principalmente das festas, mas como as festas tradicionais não estão tendo espaço na comunidade, os velhos cantores ficam esquecidos.

4 AS MÚSICAS DO POVO MAKURAP

4.1 Registros Antigos

Para saber se em algum momento de nossa história já havia sido feito registros de nossas músicas questionei a algumas pessoas que não se lembravam.

Recentemente, no início de 2015, o pesquisador Ricardo Pamfílio de Sousa, que está trabalhando com o povo Tupari e sua música, trouxe para a T. I. Rio Branco e T. I. Rio Guaporé Cds com gravações muito antigas datadas de 1934 com várias músicas de vários povos do Rio Guaporé. O pesquisador distribuiu, nos presenteando com essa raridade e nos alegrou muito.

Trata-se de gravações históricas feitas no ano de 1934 pelo pesquisador alemão Emil Heinrich Snethlage durante uma expedição ao rio Guaporé. As gravações foram feitas em cilindros fonográficos de cera.

Figura : Imagem do Cd Documentos Sonoros Históricos, 2013.



Fonte: Alessandra Makurap, 2015.

Já a recuperação desses arquivos – que estavam no Arquivo Fonográfico de Berlim – e a gravação em Cd foi feita em 2013 através da iniciativa do Ethnologisches Museum, a UNESCO e uma instituição chamada AMEI que não consegui identificar qual é.

O CD contém as gravações das músicas e dos instrumentos musicais de diversos grupos indígenas como, Aruá, Makurap, Tupari, Djeromitxi, Abitana-Huanyam (Migueleno), Cabixi, Kumaná, Moré-Itoreauhip e Chiquitano. Estas gravações até agora eram desconhecidas, e grande

parte das músicas esquecidas, mas não deixa de ser uma possibilidade atual que os indígenas têm de acessar a música dos seus ancestrais.

Abaixo uma citação da pesquisadora Gleice Mere com um trecho descrevendo a experiência de Emil Snethlage com as gravações com os indígenas:

Além do acervo iconográfico e científico, Snethlage também fez gravações sonoras de cânticos indígenas. No livro “Atiko Y” (Snethlage, 1937, p. 133), ele descreve uma das ocasiões em que realizou as gravações nos cilindros de cera.

Enviaram-me do arquivo fonográfico estatal um pequeno aparelho e obtive a autorização para gravar algumas danças que, para mim, soam todas iguais. Uma pequena mesa é trazida para que eu possa colocar a máquina sobre ela e lhe dar corda. Os dançadores são instruídos. Eles não podem se movimentar para lá e para cá, a fim de que a gravação fique boa. Isso é muito difícil. Treinou-se muitas vezes, mas os movimentos não são completamente interrompidos [Figura 11]. A admiração é descomunal quando eu apresento a gravação bem sucedida. Especialmente Arirain não se satisfaz e quer ouvir tudo desde o começo. Mas isso não se pode, pois os cilindros são feitos de cera e têm que ser primeiramente fundidos na Alemanha. Eu peço uma outra dança. Os movimentos são novamente os mesmos, ou ao menos parecem ser. Mas o texto é outro. Mal terminam, o que é sempre participado por um grito “hum”, eles pedem para ouvir o aparelho. E então lhe deram um nome: índio da floresta. Arirain não consegue se contentar e elogia a precisão do aparelho. Ele não se dá conta de que a voz nítida que se ouve dali é a sua. Certamente, para a minha sorte, pois ele e seus companheiros teriam deixado de ser inofensivos por medo de feitiçaria. Eu também gravo uma melodia com as flautas harmônicas. Mas Arirain, com um instrumento grande, não consegue se aproximar o suficiente do funil do fonógrafo, pois ele tem que movimentar as flautas para lá e para cá a fim de que possa soprar na fileira de baixo. (MERE, 2013, p. 781)

Apesar de grande relíquia, as gravações são praticamente inaudíveis, pois existe muito chiado e interferência, tentamos junto a colaboradora identificar as músicas Makurap presentes no Cd, porém, ela conseguiu perceber, pelo som, apenas uma que seria Makurap, sem conseguir identificar qual música seria.

4.2 Instrumentos musicais

Quando eu me dispus a executar esse projeto para o meu trabalho de conclusão de curso, a intenção era pesquisar, e realizar junto aos sabedores uma oficina de busca da matéria-prima seguida da feitura dos instrumentos. Pois logo que iniciei a pesquisa, percebi que precisaria recuar nesta parte, pois as informações foram desanimadoras.

Dona Juracy conta que as tabocas de tocar em festas ainda existem só que não tem mais pessoas que cantam usando flautas feitas de taboca. Os únicos homens Makurap mais velhos que tocam não estão na mesma terra indígena¹³.

Esses tipos de instrumentos eram usados apenas pelos homens, as mulheres acompanhavam dançando e cantando oralmente.

Outra informação importante passada por Dona Juracy foi que, atualmente esse instrumento – que não é mais usado e nem confeccionado – é devido não termos mais as tabocas nas proximidades. A maioria delas estão nas fazendas que invadiram o território tradicional do povo Makurap, todas após a divisa com demarcação oficial da T. I. Rio Branco. Como está distante da comunidade é raro haver pessoas que conhecem as tabocas apropriadas para a confecção das flautas, também são poucas as pessoas que sabem fazer os instrumentos com as qualidades necessárias para o toque de música, qualidades estas, que não consegui descobrir quais eram, pelo fato de não estarem sendo utilizadas.

Em alguns eventos culturais ou momentos especiais o Cacique Anízio Aruá manda pegar material para ele confeccionar flautas e tocar suas músicas em Aruá e algumas músicas Makurap, porque ele sabe cantar em Aruá e Makurap. Já Dona Juracy diz que não consegue fazer o instrumento e que nunca viu fazer. Um pouco que ela sabe sobre a flauta é para tocar a música do tatu, uma música cantada especialmente em flauta de taboca, e se refere à música Polín, como citado anteriormente. Esse tipo de música não cheguei a ouvir. O nome desta taboca é wukap, já o nome da música é merêya, a outra taboca chama-se perãkap e serve para tocar as músicas de festa.

Seu João Makurap era do Rio Branco – atualmente é morador da aldeia Ricardo Franco na Terra Indígena Rio Guaporé – e me fala do lugar onde estão as tabocas, na cabeceira do Rio Branco¹⁴.

“É o mesmo lugar onde a Kaxuléu fazia as festas com as mulheres, e comiam os maridos moquecados. Então quando os homens mataram as mulheres os corpos delas viraram pedras nas paredes e que nas pedras é possível ver os desenhos das tabocas”. Senhor João me falou com muita segurança essa história, ele diz: “os instrumentos que elas usavam estão lá, viraram pedra”. E completa: “as tabocas originais estão neste local, talvez não existam mais, por já estar desmatado pelos fazendeiros”¹⁵.

Veio-me uma imediata fascinação e desejo de ir lá, neste local, e pedi a ele se poderia me levar até lá um dia. Ele respondeu que se pudesse vir ao Rio Branco, me leva, com certeza.

¹³ Estão na T. I. Rio Guaporé.

¹⁴ Fora da demarcação do Território. O Rio Branco nasce na porção leste do município de Alto Alegre dos Parecis, próximo à linha municipal 105, na porção sul de Rondônia. (SEDAM 2015).

¹⁵ Entrevista realizada em outubro de 2013 para Alessandra Makurap.

4.3 Ações de Revitalização

A partir dessa falta de oportunidade de provocar espaços de usos da língua e das músicas e outros aspectos da vida social e cultural tradicional do povo foi que alguns professores e lideranças junto com associações e Secretaria de Estado de Educação – SEDUC pensaram em um jeito de organizar um Encontro Cultural junto com os mais velhos, jovens e crianças da T. I. Rio Branco para mostrar os cantos e as danças e também comidas e artesanatos dos povos do Rio Branco. A SEDUC e a Associação Doa Xató elaboraram um pequeno projeto para essa realização. No mês de setembro do ano de 2009 projeto foi aprovado e com ajuda de parcerias foi realizada a primeira Festa Cultural do povos indígenas do Rio Branco na aldeia Colorado todos se juntaram no local e a noite deram inicio aos cânticos com o povo Tupari depois Aruá e Makurap. Os mesmos grupos também permaneceram nas apresentações, como são várias etnias na T. I. como Kampé, Kanoé, Arikapu, mas quem apresenta mais as suas músicas, danças, comidas e artesanatos são os Tupari, Aruá e Makurap porque são os que predominam em termos de população (são mais pessoas) e ainda tem conhecimento da cultura enquanto os demais já perderam bastante. O Grupo está junto e a festa é misturada, mas cada um se apresenta do seu jeito tradicional, depois das apresentações a chicha, bebida tradicional do povo é distribuída a todos os convidados, os cantores continuam cantando e dançando. Os jovens e os demais acompanham dançando mas não cantam. Assim vai até amanhecer ou quando ficam cansados, a voz rouca vão dormir, e muitos dos mais velhos tem problemas de saúde não bebe mais a chicha então se retiram mais cedo. Quando não tem mais quem cante e os jovens ficam na festa logo vem o forró do não-índio e para eles a festa continua até o dia amanhecer e as músicas não indígena faz parte do cotidianos das aldeia e das comunidade mais que durante o dia estão todos disposta a contribuir na festa. Só alguns evangélicos ficam meio por fora mais não chega a impedir nada na festa só ficam divididos vão para a igreja cantar seu hinos e não se envolvem. Desde então foram realizadas mais duas festas assim, 2010 e 2011. Todos os anos tem a movimentação na tentativa de fazer, mas conseguem apenas algumas pequenas festas isoladas.

Outro trabalho importante é o da escola Erapoarom Makurap na aldeia Barranco Alto, onde eu Alessandra Makurap a professora dessa escola, trabalhei com alunos de primeiro ao quinto ano das etnias Makurap, Tupari, Aruá, Kampé o objetivo de mostrar o valor que tem as músicas infantis tradicionais do povo Makurap, tentando promover o uso das músicas no dia a dia da escola e da comunidade. Foi aplicado nos meses de setembro e outubro de 2013. O motivo deste trabalho foi a ausência do uso das músicas infantis e o resultado serviu como incentivo para as crianças que não tinham conhecimento das músicas e na melhoria da ortografia da língua

materna. Fiz a minha pesquisa junto com os mais velhos sabedores das músicas infantis, que conhecem seus usos e significados. A Dona Juracy umas das mulheres mais velhas da Aldeia e cantora que sabe a música de adultos, mas que conhece muito pouco as infantis, segundo ela; e o senhor Basílio o senhor mais velho que quase não se lembra e não consegue cantar. Dona Juracy disse também que as músicas infantis surgiram sempre de pássaro e animais as crianças inventavam conforme seu trabalho ou brincadeira. Fizemos as escritas e as gravações das músicas infantis do povo Makurap. Eu e meus alunos de 1^a ao 5^a fomos a casa de dona Juracy para ouvir ela cantar algumas música de ninar.

Todos nós sentamos e ela começou contar uma história, como eu disse as músicas sempre aparecem em histórias, ouvimos a história e escrevemos, ela cantou a música do uriax que é o quati puru. Íamos e voltávamos da casa dela para a escola vários dias ouvindo, registrando e escrevendo. Usamos várias estratégias didáticas neste trabalho. Levantamos várias músicas, cantamos juntos, escrevemos, traduzimos, lemos, desenhamos etc.

A reflexão que faço sobre a execução deste projeto são de várias contribuições para a escola Erapoarom Makurap e os alunos ajudando na construção de materiais didáticos, na melhoria da ortografia da letra da música, aprofundando o conhecimento tradicional da nossa música e histórias, melhorando a pesquisa na aldeia tanto para mim quanto para os alunos. Para a comunidade serviu como incentivo para os jovens e crianças terem o conhecimento dos tipos de músicas e os pais poderem participar mais da aprendizagem dos seus filhos. A comunidade também pode estar sempre presente nas atividades que foram desenvolvidas, deixando bem claro a importância da participação da comunidade junto com o professor. Enfim, demonstra o valor da pesquisa, de buscar ter mais conhecimento sobre a origem das músicas e seus significados e o fundamental envolvimento dos velhos sabedores na hora de falar o valores da música infantis.

Pretendo prosseguir com esse meu projeto trazendo cada vez mais, músicas e outros aspectos da história e cultura do povo para a sala de aula pois essa experiência foi muito boa porque estou me aprofundando mais na escrita de língua materna do meu povo e me comunicando mais com os mais velhos e ao mesmo tempo incentivando as crianças a valorizar suas identidades junto aos seus pais e parentes.

Outro trabalho importante e mais recente – a partir do final de 2013 – desenvolvido na Aldeia Barranco Alto pela professora e pesquisadora da História da UNIR, campus Rolim de Moura, Roseline Mezacasa, a pedido da comunidade tem tido impacto positivo no sentido da pesquisa, registro e valorização das práticas culturais variadas do povo Makurap. Este trabalho funciona de modo compartilhado com os sabedores da Aldeia, juntamente com os professores indígenas e os jovens e crianças alunos das escolas locais. Aos poucos os resultados têm aparecido e a avaliação do grupo é de que tem sido um momento importante e fundamental na

continuidade da revitalização dos saberes e conseqüentemente para a futura produção de materiais didáticos para as escolas.

4.4 Classificação e análise das músicas

MÚSICAS INFANTIS

1)

Pĩ Xaimĩ

Pĩ xaimĩ, Pĩ xaimĩ

Pĩ xaimĩ, Pĩ xaimĩ

Et erawait xati bem

Et yĩko xoa

To, to, to

Et xauwet ãngipiat õntinga umẽyuẽ

Uxangipiat popnga

Beija-Flor

Dorme meu filhinho igual um beija-flor dormindo,

Que seu pai matou carrapato no dente

A música do beija-flor é só para crianças, quem ensina as crianças a cantar são sempre as avós ou as pessoas mais velhas. É música de ninar para fazer a criança dormir, sempre cantada ou pela mãe, avó ou tia da criança. Também essa música é um gesto suave e carinhoso por que o beija-flor é pequeno, todo melindroso e delicado. Quando a criança cresce já sabe cantar e canta com as outras nas suas brincadeiras. Essa música é criação de uma avó que cantava para o seu netinho dormir, certa vez a avó viu o filhote de beija-flor dormindo e criou essa música.

2)

Quati puru

Uriat et nepora wap mbutot

Uriat et nepora wap mbutot

Peorã

Quati puru pula sem saber

Quati puru pula sem saber
Que vai morrer

A música do quati puru é uma invenção de criança, quando os indígenas são pequenos eles saem em volta da casa para matar pequenos animais ou passarinhos, foi aí que encontraram os esquilos ou quati puru que pulavam de galho em galho. Ao tentar matar o quati puru todas as crianças cercaram o pobre animalzinho e mataram. A maldade das crianças maiores faz com que a mãe cante esta música para os menores já irem sabendo que não devem maltratar os animais.

3)
Mêpiret xato xatolet
Mêpiret xato xatolet

O peito da minha mãe é grande
O peito da minha mãe é grande

A música fala de uma mãe que estava na roça carpindo e tinha deixado seu filho sentados debaixo do pé de mamão, menino já grandinho. Ficou ali brincando e sentiu vontade de mamar olhou para o pé de mamão viu uma fruta de mamão grande e começou a cantar como se o mamão fosse o peito da mãe dele, que estaria daquele tamanho.

MÚSICAS DE FESTAS

1)
Ixayekoa ki tumberu?
Ixayekoa ki tumberu?
Ungato mayuka
Ungato mayuka
Yemõ to exewika exewika mboat
Yemõ to exewika exewika mboat

Cadê a espada?
Cadê a espada?
Que eu vou mexer a chicha
Que eu vou mexer a chicha
Vamos beber chicha todos nós

Vamos beber chicha todos nós

Essa música fala de como era a organização do trabalho na comunidade indígena. O mboat que é o cacique se levanta bem cedo procurando seu mexedor de chicha, mexe a chicha e começa a chamar os parentes para ir tomar com ele para só depois irem ao trabalho ou simplesmente ficam ali tomando chicha, conversando ou cantando.

2)

Et xoet xixa nēkat

Op mēřõ

Omēpiret

Pixe pixeke

Et xoet xixa nēkat

Et xoet xixa nēkat

Meu filho está em pé

Puxou a cara do pai

Meu filho está em pé

Puxou a cara do pai

No momento em que está um grupo de mulheres sentadas tomando chicha, conversando alegres, uma delas olha, vê seu filho sentado no chão e diz para suas amigas: “olha meu filhinho é a cara do pai dele. Desde então essa música virou de festa sendo cantada em momentos de comemoração. Simboliza os gestos de carinho com os filhos ou uma espécie de homenagem para os filhos.

3)

Walendite owepnewa

Walendite owepnewa

Makorãikoa owepnewa

Makorãikoa owepnewa

Awapeikoa

Mbaxuaikoa

Bem feito todo mundo está bêbado

Bem feito todo mundo está bêbado
 O peixe sabão fica balançando
 O peixe sabão fica balançando
 Cará
 Gijú

Essa música começa a ser cantada e dançada nas festas quando as pessoas já estão bem bêbadas da chichada. Como estão felizes, alegres começam a cantar se referindo aos peixes (peixe sabão, cará e gijú) que ficam boiando na água quando já está faltando oxigênio. Vão ficando de barriga para cima e morrendo. Os peixes morrem e as pessoas dormem de bêbados.

Nessa música o homem faz a primeira voz, e a mulher vai cantando junto fazendo a segunda voz.

4)
 Mbarela otexewukaet mō
 Mbarela otexewukaet
 Otexewukaet otexewukaet
 Ora ndendea wora ndendea ke
 Wora ndendea wora ndendea ke
 Paet kowatke otexewukaet
 Paet kowatke otexewukaet

Nós bebemos chicha igual ao tucunaré
 Nós bebemos chicha igual ao tucunaré
 Com a boca aberta
 Com a boca aberta

Essa música também tem o mesmo sentido da música walendite (anterior a essa), mas aqui as pessoas enquanto cantam, vão dançando imitando o peixe tucunaré morrendo por falta de oxigênio. O peixe tucunaré abre a boca bebendo água para ver se sobrevive, as pessoas bebem a chicha para ficar bêbado enche bem a boca e dá aquela golada dessa forma representa a cena do tucunaré. Todos se divertem com a encenação.

5)
 Mayiwu patpangato

Mayiwu patpangato
 Oingato oxixawa
 Oingato oxixawa
 Ixayekoa upekarawape
 Ixayekoa upekarawape

Bebi muito, estou bêbado
 Bebi muito, estou bêbado
 Quero o igarapé para lavar o meu rosto
 Quero o igarapé para lavar o meu rosto

Depois que todo mundo bebeu a chicha toda até acabar, as pessoas precisam ir para suas casas então começam a cantar essa música. O sentido dela seria para mostrar que precisam lavar o rosto para tirar o sono e a ressaca depois de uma noite toda bebendo, dançando e cantando, mas que agora precisam ir embora, porém caso ainda tenha sobrado chicha lava-se o rosto e continua na festa. Portanto, esse canto é ouvido ao final das festas.

6)
 Awa keto awa otexekora
 Awa keto awa otexekora
 Awa keto awa otexekora
 Ngeito xato eya ote ponga
 Ngeito xato eya ote ponga

Meu irmão vem, que já vem temporal
 Meu irmão vem, que já vem temporal
 Meu irmão vem, que já vem temporal
 Ele quer matar a nós
 Ele quer matar a nós
 Vem fazer rabo de jacu¹⁶ para nós ficar dentro

Essa música já é cantada no início de festa. Quando estão todos os convidados chegando em volta da maloca de festa¹⁷ e não entraram ainda, então os outros parentes ou o a dona da casa,

¹⁶ Rabo de jacu é uma pequena cabana feita de palha para se abrigar da chuva.

ou dono da festa convidam os irmãos para entrarem desta forma, cantando. No entanto, pode ser cantada em qualquer outro momento da festa e por qualquer pessoa, é uma música de todos.

7)

Awawa awuk ambonget okaet ambonga

Awawa awuk ambonget okaet ambonga

Iriko wuk wuk okaet ambonga

Iriko wuk wuk okaet ambonga

A espuma da água espumou a minha perna

A espuma da água espumou a minha perna

Cantamos essa música porque grande parte das vezes as festas duravam vários dias então existiam os momentos do banho para depois retornar à festa ou a chichada. A explicação é que ao sentar na beira do rio a onda da água passa pelas nossas pernas deixando marcas de espuma.

8)

Awato kererewa

Awato kererewa

Xumbenga kere rewa

Xumbenga kere rewa

Vou arrastando o jacaré

Vou arrastando o jacaré

Aqui estou arrastando o jacaré

Aqui estou arrastando o jacaré

Essa música eu não consegui saber ao certo por que canta. Irei me aprofundar mais nela em breve. Porém o que se sabe, com certeza, é que o jacaré é um importante alimento nas festas, pois se come o jacaré moqueado e na hora de matar o arrasta levando para o moquém ser assado. O que me instiga ainda é sobre uma possível dança com o jacaré, nos moldes da festa do Jacaré

¹⁷ Antigamente os convidados eram recebidos diretamente na maloca, pois eram amplas e abrigavam até mais de quinze famílias, mais recentemente – quando ainda se realizavam festas – são conhecidas como casa de chicha, malocas menores construídas para a ocasião da festa.

do povo Arara/Karo de Ji-Paraná, onde dançam segurando os jacarés. Quero pesquisar mais profundamente se no caso dos Makurap existia uma dança com o jacaré, porém sendo arrastado.

9)

Amã nã amã nã

Amã nã amã nã

Oke xewup ngoroya

Oke xewup ngoroya

Exeto xewãngĩ

Exeto xewãngĩ

Enet xualet mō xewup ngoroya

A Irara¹⁸

A Irara bebeu chicha

A Irara bebeu chicha

Que raspou com seu focinho

Que raspou com seu focinho

Podemos dizer que eu não estava em casa e quando cheguei a irara tinha bebido toda a minha chicha, raspou até o último restinho com o seu focinho comprido. A irara ficou bêbada e o dono da chicha sem chicha.

10)

Tamali tamali nã

Owot kãt kãrã

Owot kãt kãrã

Tamali tamali nã

Owot kãt kãrã

Owot kãt kãrã

Oxewu oxewuke

Owot kãt kãrã

Owot kãt kãrã

¹⁸ Irara é um mamífero parecido com as martas e fuinhas, come mel e mamão, seus principais alimentos. Seu nome vem da junção dos termos tupi *i'rá*, "mel" e *rã*, "tomar". Também chamado de "Jaguapé" que vem do termo tupi *yawa'pé*. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Irara>) Acessado em 24/09/2015.

Oxewu oxewuke

Owot kāt kārã

Owot kāt kārã

Eu sou igual ao Jacamim

Procurando chicha

Procurando chicha

Eu sou igual ao Jacamim

Procurando chicha

Procurando chicha

Ninguém me dá chicha

Procurando chicha

Procurando chicha

Ninguém me dá chicha

Procurando chicha

Procurando chicha

O jacamim é uma ave que anda longe procurando um local para dormir, quando está andando vai esticando o grande pescoço que ela tem farejando o caminho. Essa música se refere ao jacamim por isso, tem gente que sente de longe o cheiro da chicha e vai atrás andando com os passos longos. Na dança, enquanto cantam essa música, as mulheres vão imitando o Jacamim esticando e balançando o pescoço igual ele faz. Todos se divertem muito com essa canção.

11)

Paliõn xato kowet arop peka et arop peka

Paliõn xato kowet arop peka et arop peka

Paliõn xato kowet arop peka et arop peka

Timiu timiu ke arop peka et arop peka

Timiu timiu ke arop peka et arop peka

Timiu timiu ke arop peka et arop peka

O gavião quer comida

O gavião quer comida

O gavião quer comida

Piu, piu, ele quer comida

Piu, piu, ele quer comida

Piu, piu, ele quer comida

Contam os mais velhos que antes na história dos antepassados existiam dois amigos, um era casado e o outro solteiro. O solteiro gostava da mulher do outro e pensava em um jeito de fazer o amigo desaparecer. Um dia convidou o amigo para tirar filhote de gavião real. Era uma maneira de se livrar do amigo e ficar com sua mulher. Chegando ao local onde estava o ninho do gavião em uma árvore grossa falou para o amigo:

— Suba pelo cipó, tira o filhote e traga. Eu vou ficar aqui embaixo cuidando para a mãe não te pegar.

Quando o amigo chegou no ninho lá no alto, o amigo falso cortou o cipó deixando o amigo sem poder descer e foi embora pensando “quando os pais do filhote de gavião chegarem vão logo comê-lo e eu fico com a mulher dele”. Mas, quando os gaviões chegaram não foram ruins com o homem e sim fez cura¹⁹ na comida e deu para o homem comer. Assim foi e com o passar do tempo ele foi virando gavião, criando penas, bico, daí ficava piando junto com os filhotes de gavião pedindo comida. Então as pessoas cantam essa música porque gostam de fazer essa espécie de homenagem ao homem traído pelo melhor amigo, porém não é música triste, é alegre.

MÚSICAS DO COTIDIANO

1)

Yalekote mētiã ãen onikwa onikowa

Rẽ rẽ rẽ onikowa

Et xaundit mētiã ãen onikwa onikowa

Yalekote bobo

Namorou a sogra pensando que fosse sua mulher.

As músicas cotidianas vêm de uma historia muito importante, como já sabemos, Payawi era mulher de Yalekute que foi enganado pela sogra.

A música quem canta é Payawi para o seu marido dizendo, como você foi bobo? Namorou minha mãe e nem percebeu, foi enganado sem saber. Quando canta essa música os cantores cantam em gesto de desafio, fazendo desfeita do outro e assim vai cantando e dançando,

¹⁹ Um tipo de ritual que pajé faz na comida para tirar qualquer possível mau que espíritos podem ter colocado.

esperando o outro revidar. Pode ser cantada por qualquer pessoa em qualquer momento, sendo música para se ouvir mais no dia a dia, mas também pode ser dançada.

2)

Yambe môtwi

Ep pixa môtwi yambe

Yambe môtwi, Payawi

Ep pixa môtwi yambe

Payawi, koa ep pixa

Se fosse eu, já estava cantando

Se fosse eu, Payawi, já estava cantando

Se fosse eu, já estava cantando

Vou me levantar para cantar

Aqui Payawi continua cantando, fazendo zombaria de seu marido e para outras pessoas que não sabiam cantar. Desfazendo das músicas feias e sem sentido que cantavam. Ela queria levantar para mostrar as canções que tinha aprendido com o arco-íris, mas não podia pois estava muito fraca.

Na tentativa de compreender um pouco mais sobre os principais aspectos da música Makurap, abaixo procurei fazer uma síntese reflexiva a partir dos dados coletados e de trechos das entrevistas.

As músicas infantis são uma forma de representar o nosso conhecimento do mundo. As mães e as avós sempre cantaram para mostrar como seria a vida na relação com os animais, mostrar a diferença de animal pequeno e grande. Também são formas carinhosas de mostrar o seu carinho pelos filhos ou até mesmo aos animais que não podem ser maltratados pelos filhos quando crescerem. Ou seja, servem diretamente para a consciência ambiental na formação do ser humano indígena. Também é canção de ninar, que ensina os nomes de animais e frutas, ou até mesmo contar histórias de medo para alertar aos filhos dos perigos. Também para que durma logo, muitas vezes a mãe precisa preparar a chicha, a comida à espera do pai da criança que vai chegar de uma caçada trazendo filhote de animal para seu filho pequeno. É um gesto carinhoso de um pai dando presente ao filho.

A música infantil passa ser uma forma de educar e respeitar a vida de todos os seres que fazem parte de seu meio ambiente. Assim concluí a importância que a música infantil tem e que não pode ser esquecida.

Também posso seguir o mesmo raciocínio para as músicas de festa. Essas fazem as pessoas alegrarem suas almas. Também faz com que nos leve ao mundo dos seres animais, mostra uma relação de homem e seres diferentes, tão presente e importante na vida dos povos indígenas e em especial do Makurap.

Como já colocado anteriormente, a música não existe por si mesma (GIBRAM, 2008; ALMEIDA & PUCCI, 2015), quando se trata das músicas tradicionais indígenas, sempre está envolvida em um contexto maior, de algo cultural e cheio de significado e funcionalidades e quando os mais velhos ouvem ou cantam as músicas estão envolvidos por uma maneira própria de pensar o mundo, é uma linguagem em que todos podem se comunicar através da música. Ao falar dos animais, e usar as características destes para relacionar com nossos hábitos próprios de vida e de festa, fica claro como a nossa relação com o mundo natural é interligada, ou seja, sem separação.

Além do mais, as músicas também se referem aos nossos principais alimentos (chicha, peixe, caças) trazem cumprimentos cordiais tanto para a recepção quanto para a despedida dos convidados. A chicha aparece bastante demonstrando a importância dela em nossa vida. A chicha é tudo para o indígena, é nossa fonte de força, de saúde e vitalidade, é oportunidade do encontro tanto para o trabalho quanto para as comemorações. Pelo levantamento verifiquei também que as festas eram os espaços privilegiados da música e nelas as possibilidades de reviver as histórias dos antepassados e suas relações espirituais com os animais e outros seres, tema muito interessante, mas que não consegui aprofundar neste momento da pesquisa, pois não era o objetivo.

Já as músicas que chamei de cotidianas, são as músicas de Payawi que aprendeu com o arco-íris, com suas características de brincar e zombar dos defeitos e qualidades dos outros esperando resposta em forma de música de desafio. É provável que existam muitas músicas mais para o dia a dia, essas mesmas que vieram a partir de Payawi, pois desde então o povo cantava e criava suas próprias canções baseadas nesse estilo de desafiar o outro de forma sempre alegre e de zoação.

Mas na minha relação com a colaboradora, foquei mais nas músicas de festas, então provoquei mais a memória de dona Juracy para essas músicas específicas. Além disso, a própria Juracy e o Seu João são de um período de violência, massacres e escravização em que o povo não tinha mais tempo, nem permissão para cantar no dia a dia e no trabalho escravo.

Assim, pretendo, a partir de agora, continuar a pesquisa e focar nessa parte para tentar resgatar mais exemplos de música cotidiana, principalmente os desafios/duelos.

Questionei a Dona Juracy Makurap, em uma das várias conversas que tivemos sobre qual a importância da música Makurap para ela:

Eu acho muito importante cantar as músicas para os meus netos. Quero que continuem e conheçam pelo menos um pouco do que eu conheço. Fico muito alegre em ver meus netos cantarem, por enquanto apenas duas pessoas conseguem ainda cantar: Isabel Makurap e Rosa Makurap. Acho que devem continuar esse projeto para que no futuro meus netos possam conhecer e cantar. Eu acho que não canto muito, pois estou muito sozinha para cantar. Acho que gosto dos dois tipos de música²⁰, preferia a música tradicional, pode ser os dois juntos, me sinto muito feliz quando canto, fico triste porque estou sozinha. Cantava e dançava com minha mãe e avó, já depois que meus pais morreram parou de cantar, cantavam muitas músicas, estou esquecendo, estou só, se eu morrer meus netos não vão saber. Ver televisão faz com que eles abandonem as músicas. Eu canto Komã, música de Kaxuléu. Música de Payawi não é muito de festa, ninguém canta as músicas que Payawi cantou. Anízio Aruá canta as músicas Makurap, mas é aruá." (Juracy Makurap, 2014. Em entrevista concedida a Alessandra Makurap)

Dona Juracy apesar de ser falante do Makurap não tem com quem conversar. Por isso em sua entrevista repete muito que está só para cantar. Em um breve levantamento, feito por mim durante a coleta de dados, verifiquei que existem atualmente poucos falantes da língua Makurap na Terra Indígena Rio Branco. Além disso, possuem um agravante de estarem dispersos em várias aldeias de diferentes distâncias dentro da T. I. como demonstro no quadro abaixo.

Quadro 1. Falantes da Língua Makurap na T. I. Rio Branco

ALDEIA	FALANTE DO MAKURAP
Barranco Alto	Juracy Makurap
Bom Amigo	Francisco Makurap (filho de Basílio Makurap)
Bom Paraíso	Basílio Makurap Valdemir Makurap (filho de Basílio Makurap) Ireno Makurap (filho de Basílio Makurap)
Palhal	Izabel Makurap
Samba	Jurandir Makurap
São Luíz	Rosa Makurap Anízio Aruá (casado com Rosa)

Com este levantamento, podemos constatar que existem apenas nove (9) falantes da língua Makurap na T. I. Rio Branco e que estão bastante dispersos no Território. Apenas uma família, a de Basílio Makurap tem os filhos como falantes. Dos demais, os filhos compreendem a língua, mas não conversam com os pais.

²⁰ Respondendo a pergunta da pesquisadora se gosta mais da música do não-indígena ou música tradicional Makurap.

Além dessa dispersão, Dona Juracy sofreu uma grande perda alguns anos atrás, seu filho que era seu companheiro de cantoria foi assassinado e poucos meses depois o esposo veio a falecer de tristeza pela morte do filho. Os três juntos formavam um belo trio de cantores Makurap.

Eu canto que é para que um dia, quando eu morrer, vocês vão dizer: 'Essa titi cantava muito quando era viva'. Muitos dos cantos Makurap já foram esquecidos e já não são mais cantados, as músicas de Kaxuléu pararam de ser cantadas porque não tem instrumento adequado para o uso da música, mesmo quem conhece estão divididos em terras indígenas diferentes. (Juracy Makurap, 2014. Transcrito do vídeo do projeto da profa Roseline Mezacasa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus a pesquisar a música tradicional do povo Makurap meu objetivo principal era fazer o registro das músicas que estavam se perdendo na memória de uns poucos anciãos. Não imaginava que conseguiria ir além e mais do que escrever e traduzir as músicas pude encontrar e analisar tantos aspectos importantes. Classifiquei as músicas em infantis, de festa e cotidianas e comentei brevemente sobre a música polín. Apesar de não visualizar na prática a questão dos instrumentos foi possível refletir sobre os motivos de seu desaparecimento e desuso. Também registrei alguns esforços de revitalização do uso das músicas e continuidade das festas.

Mesmo assim, acredito que existam muitas músicas mais, porém o fato de ter coletado poucas evidencia o tamanho da perda. A dona Juracy – grande sabedora das músicas, talvez a maior de todos Makurap ainda vivos – como já foi dito, não tem com quem conversar no seu dia a dia e as consequências disso foram colocadas acima.

Outro aspecto a ser comentado é sobre a minha dificuldade com a língua de forma mais aprofundada deixando o processo de tradução e de análise um tanto mais lento, e apesar de algumas lacunas valeu muito a pena. Eu mesma me admirei, e os sabedores Makurap também se admiraram e brigaram comigo, me incentivando a trabalhar mais com a língua materna pois a conheço sim, apenas está adormecida dentro de mim.

Percebi que posso e devo aprofundar vários estudos: sobre os rituais festivos e as relações espirituais do povo; as músicas de guerra e as cotidianas, e um estudo sobre Anízio Aruá e sua relação, não só com o povo Makurap, mas com sua língua, cultura e música.

Por fim, dizer que me sinto satisfeita com a experiência de pesquisadora do meu povo, sua vida social e cultural. Enfrentei todos os obstáculos com garra e visão no objetivo final a ser alcançado. A consequência principal deste trabalho vem a partir de agora com a elaboração de materiais didáticos e gravação de cds para dar o efetivo retorno para a minha comunidade que merece, espera e precisa tanto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Berenice de & PUCCI, Magda Dourado. Outras terras, outros sons. 3. Ed. São Paulo: Callis Ed. 2015.

CASPAR, Franz. 1958. *Tupari (entre os índios, nas florestas brasileiras)*. São Paulo: Melhoramentos.

COELHO, Luis Fernando Hering. A nova edição de Why Suyá Sing, de Anthony Seeger, e alguns estudos recentes sobre música indígena nas terras baixas da América do Sul. Mana, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, pp. 237-249, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a09v13n1.pdf>. Acesso em: Mar. 2013.

COHN, Clarice et alli. Entrevista: Por que canta Anthony Seeger? Revista de Antropologia, São Paulo, v. 50, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v50n1/a10v50n1.pdf> . Acesso em: mar. 2013.

Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/makurap> acessado em Abril/2014

GIBRAM, Paola Andrade. KAGMA TI EG KÃ KI: Um estudo panorâmico sobre a música dos índios Kaingang da T.I. Xapecó [Trabalho de conclusão de curso] Florianópolis. UFSC. 2008.

MAKURAP, João. Entrevista concedida a Alessandra Makurap sobre músicas e histórias tradicionais. Outubro de 2013.

MAKURAP, Juracy. Entrevista concedida a Alessandra Makurap sobre músicas tradicionais. 2013.

MAKURAP, Juracy. Entrevista concedida a Alessandra Makurap sobre músicas tradicionais. Outubro de 2014

MALDI, Denise. 1991. "O complexo cultural do marico: sociedades indígenas do rio Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)*, vol.7, nº 2, pp. 209-269

MELATTI, Julio. **Índios do Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MERE, Gleice. Emil-Heinrich Snethlage (1897-1939): nota biográfica, expedições e legado de uma carreira interrompida. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 773-804, set.-dez 2013

MINDLIN, Betty. Moqueca de Maridos: mitos eróticos indígenas. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

OLIVEIRA, Luciano Py de. Questões sobre a música, cultura e educação. [Palestra]. 13/09/2012. Disponível em: www.ceart.udesc.br/Revista_Arte_Online/abemsul/artigo18.html . Acessado em: 21/03/2013

SECRETARIA ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO AMBIENTAL, Malha Viária e Hidrográfica de Rondônia, 2015.